



A Santa Sé

JUBILEU DAS ASSOCIAÇÕES LAICAIS

HOMILIA DO PAPA JOÃO PAULO II

Basílica de São Pedro

Domingo, 20 de Novembro de 1983

1. Ele é "o Princípio, o Primogénito dos mortos" (*Col. 1, 18*).

São Paulo indica o Gólgota: a cruz. De facto ali Cristo aceitou e sofreu a nossa morte humana. E ali também se tornou "o Primogénito dos mortos".

São Paulo indica contemporaneamente a Ressurreição.

Como "Primogénito", Cristo é o "Princípio" do Reino de Deus na terra. *E Ele mesmo é o Rei.*

A todos vós aqui presentes, caros Irmãos e Irmãs, mas de modo especial aos membros das várias associações e movimentos eclesiais, quero antes de tudo apresentar o Cristo que hoje celebramos, o Cristo na sua realeza messiânica, tal como resulta das leituras desta Liturgia.

Hoje, de facto, último domingo do ano litúrgico, honramos e adoramos Cristo como Rei. Esta solenidade é *quase uma síntese do mistério salvífico inteiro*. Inscreve-se com particular expressividade no contexto do Ano Jubilar da Redenção; ou seja, o presente Ano Santo.

Vós, caros Irmãos e Irmãs que vos reunistes hoje na Basílica de São Pedro, estais e *sentis-vos particularmente unidos ao mistério deste reino* no qual Cristo como "Primogénito dos mortos" é "o Princípio" de todas as coisas. É o Rei.

Deste mistério deriva a vossa vocação. O vosso apostolado.

2. O Evangelho de hoje segundo São Lucas encerra em si toda a *eloquência dramática* da verdade sobre Cristo-Rei.

Vede: Cristo foi crucificado: por cima da sua cabeça foi colocada uma inscrição em grego, latim e hebraico: "Este é o rei dos Judeus" (Lc. 23, 38).

O título "o Rei dos Judeus" refere-se na consciência do Israel de então à tradição dos reis, que tinham reinado na sua nação. Antes de tudo recordava o maior de entre eles, David, de cuja unção para rei fala a primeira leitura da liturgia de hoje.

Todavia, a inscrição "o rei dos Judeus" é sobretudo um *motivo de acusação* que o Sinédrio apresentou contra Cristo a Pilatos. A acusação é falsa. Nós sabemos que resposta, a este propósito, deu Cristo a Pilatos: não sou rei. No Calvário, porém, não há ninguém que lute em Sua defesa. Por outro lado, estão presentes sob a cruz os adversários de Cristo, e os soldados podem impunemente troçar d'Ele: "se és o rei... salva-Te a Ti mesmo" (Lc. 23, 37).

O título "real" é referido ao Crucificado apenas por zombaria. Mas eis que entre estas zombarias, improvisamente do alto de uma das cruzes próximas se ouve a voz "Jesus, lembra-Te de mim quando estiveres no Teu reino" (Lc. 23, 42).

Di-lo um dos dois malfeitores que foi crucificado ao lado de Cristo. E Jesus responde imediatamente: "Em verdade te digo: Hoje estarás Comigo no paraíso" (Lc. 23, 43).

E aqui coligamo-nos à parte ulterior da resposta dada por Jesus a Pilatos: "*Eu sou Rei!... mas o Meu Reino não é deste mundo*" (Jo. 18, 36.37).

Por conseguinte, encontramos-nos no centro mesmo da verdade sobre o Reino de Cristo. Esta verdade encontra no Evangelho de hoje uma *eloquência dramática*.

3. Cristo é rei *mediante a cruz e a ressurreição*. Precisamente deste modo se tornou "o Primogénito dos mortos" e ao mesmo tempo reconfirmou o seu "primado sobre todas as coisas".

Este primado pertence-Lhe desde o princípio. Ele, de facto, como Filho da mesma substância do Pai — Filho dilecto — é "a imagem de Deus invisível" (Col. 1, 15), "*existe antes de todas as coisas*; n'Ele foram criadas todas as coisas... as visíveis e as invisíveis... Ele existe antes de todas as coisas, e n'Ele subsistem todas as coisas" (Col. 1, 16-17).

(Primogénito de toda a criatura).

E, portanto, é Rei por natureza. O Seu reino foi inscrito na obra mesma da criação. Ele precede toda a criatura. Toda a criatura desde o princípio traz em si a marca do Seu Reino: porque n'Ele

foram criadas todas as coisas". Este é, pois, o reinar do Verbo Eterno. O eterno reinar de Deus na criação realiza-se mediante o Verbo-Filho. A criação é o início do Reino de Deus. *É o Reino do Pai no Filho — e mediante o Filho.*

4. Este reino tem a sua dimensão histórica mediante o mistério da *Redenção*. A Redenção entrou na história do *homem juntamente com o pecado*.

E precisamente este Evangelho de hoje conduz-nos ao Gólgota. Deus não recuou diante do pecado do homem. Não afastou do mundo este Reino que teve início juntamente com a criação no seu Filho.

Pelo contrário: *reconfirmou este reino na Cruz de Cristo* para reconciliar, por Ele, "Consigno todas as coisas, pacificando, pelo Sangue da Sua Cruz, tanto as da Terra como as dos Céus" (cf. *Col. 1, 20*).

Assim pois Cristo — Aquele que é "o primogénito de toda a criatura" desde o "princípio" tem nesta criatura o "primeiro lugar", isto é, o reinar; e ao mesmo tempo, como homem, mediante a sua Cruz Ele mesmo "tem o primeiro lugar em todas as coisas", obtém o "primeiro lugar", ou seja, o reinar.

Obtém-no no mistério da Redenção.

Mediante a cruz, torna-se *Cristo-Rei*.

Mediante a cruz, como "o Primogénito dos mortos", torna-se "*a cabeça do corpo*, ou seja, da Igreja".

Deus eterno decidiu que n'Ele, Verbo-Filho, "*reside toda a plenitude*". E mediante a obra da Redenção esta "plenitude" residiu em Cristo e mediante a Cruz.

A liturgia da solenidade hodierna mostra-nos o reino de Cristo — o reino de Deus em Cristo — nestas duas dimensões: da realidade da Criação e da realidade da Redenção.

Nestas dimensões a verdade sobre o reino de Cristo fala-nos desde a profundidade da palavra de Deus.

5. Vós, caros Irmãos e Irmãs — que participais hoje na Liturgia do jubileu extraordinário do Ano da Redenção — estais unidos de modo particular com o mistério de Cristo-Rei segundo a dúplici dimensão.

Diz-nos de facto o Concilio Vaticano II que "Os leigos adquirem o direito e o dever do apostolado

pela sua própria união com Cristo Cabeça. Inseridos no Corpo Místico de Cristo pelo Baptismo, robustecidos com a força do Espírito Santo pela Confirmação, são destinados pelo próprio Senhor para o apostolado". "Por isso, os leigos — diz ainda o Concílio —, realizando esta missão da Igreja, exercem o seu apostolado tanto na Igreja como no mundo, tanto na ordem espiritual como na ordem temporal; estas ordens, embora distintas, estão de tal maneira unidas no único desígnio de Deus, que o próprio Deus deseja reintegrar, em Cristo, todo o mundo numa nova criatura, incoactivamente na terra, plenamente no último dia. O leigo, que é ao mesmo tempo fiel e cidadão, deve guiar-se sempre pela consciência cristã em ambas as ordens" (Decr. *Apostolicam Actuositatem*, 3 e 5).

Muitos outros textos do Concílio reafirmam este fundamento de todo o apostolado cristão na ordem laical e temporal, sob a guia de Cristo Rei do universo e Cabeça da Igreja.

É uma verdade que deriva da unidade mesma de Cristo-Verbo e Filho do homem, nosso Redentor, que prolonga a sua obra *na* Igreja e *mediante* a Igreja.

É também a experiência histórica do laicado na Igreja, que sempre, embora de formas mutáveis segundo a diversidade dos tempos e dos lugares, realiza a sua missão segundo a dúplici dimensão da realeza de Cristo, mas em unidade de derivação espiritual e às vezes canónica a partir da fonte eclesial onde se haure na graça e no poder do Rei Crucificado.

6. É, enfim, o testemunho que hoje vós próprios dais nesta Basílica, caros Irmãos e Irmãs membros das várias associações e movimentos eclesiais, que embora trabalhando em tantos campos e segundo denominações diversas, vos reconheceis impelidos pelo mesmo Espírito e chamados pela única Igreja a empenhar-vos na única finalidade, em relação à qual o Concílio despertou a consciência também no laicado: a actuação do reino de Cristo em toda a ordem da criação e da história, restaurado pela Redenção.

Esta obra, em linguagem cristã, chama-se também *reconciliação*: finalidade do Ano Jubilar sobre a qual detivestes os vossos pensamentos de modo particular nos dias que precederam esta vossa celebração jubilar. Tenho satisfação por terdes considerado esta finalidade como um vosso empenho especial, entre vós e em toda a área das relações eclesiais e sociais. Neste caminho sereis válidos colaboradores no advento do Reino de Cristo.

7. A Vós, pois, que na vossa vocação cristã e no vosso empenho apostólico trazeis como que um particular *senal da união com Cristo-Rei*, dirijo-me por fim com as palavras do Apóstolo dos gentios.

Irmãos "dai graças a Deus Pai, que vos fez dignos de participar da sorte dos santos na luz. Ele livrou-nos do *poder das trevas e transferiu-nos para o Reino de Seu Filho muito amado*, no Qual temos a redenção e a remissão dos pecados" (*Col. 1, 12-14*).

Irmãos e Irmãs! Por isto demos graças ao Pai!

E dando graças, levemos em nós este reino também aos outros, ao próximo, a todos; levemo-lo como um tesouro inestimável!

Levemo-lo assim, como o levou em si Cristo mesmo, e depois os Seus Apóstolos.

Levemo-lo de modo que este reino, com o poder do Espírito Santo, *se difunda no mundo e se aprofunde*.

Que se difunda e se consolide com a irradiação da *verdade* e do *amor*.

Mediante o serviço da nossa vida e da nossa conduta — embora apesar de tudo o que de menos favorável parece crescer no final do segundo milénio — ressoe, como na liturgia hodierna, aquele brado de agradecimento.

"Hosana! Bendito seja O que vem em nome do Senhor! Bendito o reino do nosso pai David que está a chegar" (*Mc. 11, 10*).

Hosana

O Pai livra-nos incessantemente do poder das trevas e transfere-nos para o Reino de Seu Filho muito amado.

Amém.